

HISTORIA DO BRAZIL

DE

Frei Vicente do Salvador

NA PARTE RELATIVA AO CEARÁ

Livro Segundo

CAPITULO XIII

*Da terra e cappitania q' El Rey Dom João
doou a Joam de Barros .*

No fim das vinte e cinco leguas de terra da Capitania de Tamaracá que El Rey doou a pero Lopes de Souza, doou e fes mercê a João de Barros feitor, que foy da caza da India, de sincoenta leguas por costa, o qual cuidando de se aproveitar a sy e a seus amigos, armou com Fernando Alz de Andrade Thesoureiro mor do Reyno e Ayres da Cunha que veyo por cappitão da empreza, mandando com elle dous filhos seus em hua frota de dez navios em que vinhão novecentos homens, e com todo o necessario pera a jornada e pera a povoação que vinhão fazer, se partirão de Lisboa no anno de mil quinhentos e trinta e cinco : Mas desgarrandosse com as agoas e ventos forão tomar terra juncto do Maranhão onde se perderão nos baixos. Deste naufragio escapou muita gente com a qual os filhos de João de Barros se recolherão a hua lha,

que então se chamava das Vacas e agora de São Luís, donde fizeram pazes com o gentio Tapuya, que então ahy habitava, resgatando mantimentos e outras couzas que lhes crão necessarias: e chegou o tracto e amizade a tanto que alguns houverão filhos das Tapuyas como se descobrio depois que crescerão, não só porque barbaram e barbão ninda ainda hoje todos seus descendentes como seus Pays e Avós senão pelo amor, que tem aos Portuguezes em tanta maneira que nunca jamais quizerão páz com os outros gentios, nem com os Francezes, dizendo que aquelles não crão verdadeiros Ferros (que assim chamão aos Portuguezes, parece por respeito de algum que se chamava Pedro) e todavia quando na era de seiscentos e quatorze entrarão os nossos no Maranhão logo os vierão ver e fazer pazes com elles dizendo que estes erão os seus Perôs desejados de que elles decendião.

Donde se collige que não era o Maranhão a terra que El Rey deu a João de Barros como alguns cuidão senão estoutra, que demarca pella Peraibba com a de Pero Lopes de Souza: porque se fora a do Maranhão havendo seus filhos escapado do naufragio, e chegado a do Maranhão com quasi toda a sua gente, e achando a da terra tam benevola e pacifica, que cauza havia pera que não a povoassem? provasse tambem, porque todas as que se derão em aquelle tempo forão contiguas huas com outras e os Donatarios hercos huns dos outros pella ordem que vimos nos capitulos precedentes. E finalmente se confirma porque a do Maranhão foy dada a Luis de Mello da Silva, que a descobrio como se verá em o capitulo seguinte e não devia El Rey de dar a hum o que tinha dado a outro. Nem o mesmo João de Barros em a primeira decada Livro sexto capitulo primeiro onde falla da sua capitania, faz menção do Maranhão; mas só dis que da repartição que El Rey Dom João o terceiro fes das capitancias na provincia de Santa Cruz, que commumente se chama do Brazil lhe coube húa, a qual lhe custou muita substancia de fazenda por razão de hua armada que fez em companhia de Ayres da Cunha etc., que he a armada (como temos dito) que arribou e se foi perder no Maranhão e dahy mandou depois em outros navios

buscar seus filhos, donde ficou tam pobre e individado que não pode mais povoar a sua terra, a qual já agora he de sua Magestade, por cujo mandado depois se conquistou e se ganhou ao gentio potiguar a custa de sua Real fazenda.

Livro Quarto

CAPITULO XXXVIII

Da entrada que fes Pero Coelho de Souza da Parahybba com Licença do governador á serra de Poappaba.

Querendo Pero Coelho de Souza ver se podia recuperar a perda em parte, q' com seu cunhado Fructuozo Barboza recebera na Paraybba, e entendendo q' pois El Rey lha tomara por elles não podrem conquistalla podia correr com a conquista de outros rios e terras adiante, especialmente da de Boappabba, q' era maiz povoada de gentio, pediu Licença ao Governador geral Diogo Botelho, e havendoa alcançada mandou tres barcos com mantimentos polvora e munições, q' o fossem aguardar ao Rio de Jaguarybbe e elle se partio da Paraybba por terra este mesmo anno de seiscentos e tres em o Mês de Julho com sessenta e cinco soldados dos quais os principaes erão Manoel de Miranda, Simão Nunes, Martin Soares Moreno, João Gide, João Vas Tataperica, Pedro Cangatan Lingoa, e outro Lingoa Francés chamado Tuim mirim; e com duzentos Indios flecheiros de que crão principais Mandiopûbbá, Batatam, Caragatin Tobajares, e Garâ- quingira Potiguar; caminhando por suas jornadas chegarão ao rio Jaguaribbe onde acharão os barcos dos mantimentos, daly mandou o Capitão Pero Coelho hum sold.^o com setenta Indios a descobrir campo, os quais tomarão hum q' andava â comedia, do qual se soube q' os seus estavam em arna, e em nenhum modo querião pazes com os brancos; com tudo o contentou o capitão com fouces, machados e facas, com q' o mandou q' os fosse apaziguar, como foy, e ao dia seg.^{to} tornou em bus-

ca de hum nosso Lingoa, com q^m se entendessem, o qual lhe soube dizer taes cousas, e era gentio tam facil, e dezapropriado, q' deichando suas cazas, e Lavouras se vierão com mulheres e filhos, dizendo q' não querião senão pazes com os brancos christãos e acompanhalos por onde quer q' fossem; O mesmo fizerão depois os de outra Aldea â imitação de estoutros; e torão todos marchando athé o Ceará, onde depois de alguns dias de descanso por cauza da gente miuda tornarão a marchar athé hu oiteiro a q' depois chamarão dos cocos, porq' hum (huns) sete ou oito q' plantarão â tornada os virão nascidos com m.^{to} viço, e daly forão â enceeda grd.^a do Ambar, e â matta do pao de cores, q' chamão Iburâ quatiâra, depois ao Camocy. q' he a barra da Serra de Bóapâbba, p.^a a qual marcharão o seg.^{to} dia vespora de S. Sebastião, dezanove de Janeiro de mil seiscentos e quatro antemenhã e clareando o dia forão logo vistos dos Inimigos, ser (sem) haver mais Lugar q' p.^a formar dous esquadrões e a bagagem no meyo, e outro esquadrão de parte com vinte soldados á ordem de Manoel de Miranda p.^a daly lansar mangas por onde fosse necessario, dezaseis soldados na retaguarda, e nove na vanguarda em comp.^a do Capp.^m mor Pero Coelho de Sousa; nesta ordem forão recebidos meya legoa do pé da Serra com m.^{ta} frexada, e com sete mosquetes, q' dispararão sette Francezes, e fazião m.^{to} damno, com tudo não deicharão de largar o campo com a'guns mortos, porq' os nossos o fizerão com muito animo e esforço, e com duas horas de sol se citiou o nosso arayal ao pé da Serra e se fez hum reparo de pedras por falta de madeiras q' para o fogo se achava por ser tudo escalvado, e menos havia q' cozinhar com o fogo, nem agoa para beber pello q' comessavão já a morrer algumas criansas, e sobre tudo vindo a noite tornarão os inimigos do alto a tirar muitas frechadas e pedradas de fundas com q' ferião os nossos ralhando que festejavão a sua vinda porq' serião senhores de captivos brancos, e outras couzas desta sorte, mas quis nosso Snr. q' ás tres horas da noyte veyo hum grande chuveiro de agoa com q' sessou o das frechas e pedras dos Inimigos, e os nossos aplacarão a sede, e para ser a merce mayor virão em amanhcendo hua gruta donde

procedia hum ribeiro de agoa, q' os nossos Indios christãos tiverão por milagre e se puzerão todos de joelhos a dar graças a D.^s, e o Capitão com esta alegria mandou matar hum cavallo q' ainda levava para confortar os soldados q' aos mais era 'impossivel chegar porq' entre grandes e pequenos erão mais de sinco mil almas.

Das dez horas por diante comessarão os da Serra a tocar hua trombeta bastarda â qual respondeu o nosso Francez Tuim mirim com outra, e pedindo Licença ao Capitão se foy a hu oiteiro â falar com os Francezes onde logo deçerão tres, e depois de-se abressarem e saudarem disserão q' o Principal Diabo grande queria pax se lhê dessem Manoel de Miranda e Pero Cangatã, e o petitorio era de huns mulatos e mamalucos creoulos da Bahia, mayores diabos q' o principal com q.^m andavão; Tuim mirim lhe respondeu que não havia o cappitão fazer tal aleivozia porq' lhe seria mal contado do seu Rey, com a qual resposta se tornarão e às duas horas depois do meyo dia descea todo o gentio da Serra, e batalharão athé a noyte, q' se tornarão â sua cerca ao Alto, deichandô m.^{tos} mortos dos seus, e dos nossos dezasete, e alguns feridos.

Pella manhã mandou o cappitão marchar o exercito pella serra asima, indo elle por hua parte com a mais gente, e Manoel Miranda por outra com vinte e sinco homens, quando chegarão â cerca seria meyo dia, e logo se comesou a batalha cruelmente por serem os de dentro ajudados de dezaseis Francezes, q' com seus mosquetes pelejavão detras de hum parapeito de pedra, mas vendo q' os nossos os combatião por outras partes e lhes matavão e ferião muita gente abrirão a cerca e fugirão, morrendo somente dous soldados dos nossos e os outros se recolherão nas cazas da cerca q' acharão muito bem providas de mantimentos carne e legumes de q' tinham assás necessidade, porq' nem castanhas tinham já, era o com q' athé ahy se vierão sustentando; ahy estiverão vinte dias, e no fim delles forão fazer guerra a outra cerca mui forte q' o Diabo grande com ajuda de outro principal muy poderoso chamado o Mel Redondo fes hum quarto de legoa destoutra, onde posto q' achavão grande rezistencia tambem a ganharão, puzerão o inimigo

em fugida athé a cerca do Mel Redondo a q' se acolherão, por ser fortissima com duas redes de madeiras muy grossas e fortes hua por dentro e outra por fóra, e tres guaritas onde pelejavão os francezes; o q' visto pello Cappitão P.^o Coelho de Souza mandou fazer huns parvezes, q' cada hum occupava vinte negros em o levar, e hindo detras delles a bagagem e alguma gente, so chegarão a ajustar com a cerca, e a combaterão dous dias onde nos matarão tres soldados brancos e ferirão catorze fora muitos Indios, mas enfim foy tomada e dez Francezes q' estavam dentro, q' os mais fugirão com o gentio, e os nossos lhe forão no alcance quatro jornadas athé hum rio chamado Arabê onde se alojou o nosso arayal e dahy mandou o capitão dar alguns asaltos, e em poucos dias lhe trouxerão muito gentio, e entre os mais hum principal chamado Ubauna, o qual era em aquella Serra tão estimado, q' sabido pellos outros mandarão cometer pazes com condissão q' lho dessem, e o cappitão lho prometeo e deu aos embaixadores fouces e machados com que ao dia seguinte vierão m^{tes} principaes já de paz e levarão o seu querido Ubauna; ultimamente dahy a tres dias vejo o Mel Redondo e o Diabo grande com todo o gentio, e antes q' entrasse no Arayal largarão suas armas em sinal de paz, da qual mandou o cappitão-mor P.^o Coelho fazer hum acto por hum escrivão, prometendo huns e outros de sempre a conservarem dahy em diante.

Daquí forão todos juntos ao Punarê e quis P.^o Coelho marchar mais quarenta legoas athé o Maranhão, o q' os soldados não consentirão porq' andavão já nús, e sobre isso o quizerão alguns matar; pello q' lhe foy necessario retirasse ao Seará onde deichou Simão Nunes por capitão com quarenta e sinco soldados, e se veyo â Parahybba buscar sua mulher e familia para se tornar a povoar aquellas terras; do q' em chegando deu conta ao governador geral Diogo Botelho e lhe mandou de presente os dez francezes e muito gentio pedindo-lhe junctamente ajuda e soccorro para proseguir a conquista q' o g.^{or} lhe prometeu mandar, e não mandou por depois ser informado q' se captivavão por esta via os Indios injustamente e os trazião a vender e q' seria melhor reduziilos por via de pregação e doutrina dos Padres

da Companhia como depois tractou com o seu Provincial na Bahia.

Livro Quarto

CAPITULO XXXXIII

Da segunda jornada que fes Pedro Coelho de Souza á serra de Boappaba, e ruim successo que teve.

O cappitão Pero Coelho de Souza de quem trata ã os em o capitulo trinta e sete se partio com molher e filhos da Paraybba em hua caravella e foy desembarcar a Syará, onde havia deichado o capitão Nunes com os soldados q' aly estiverão anno e meyo em hum forte de taypa, q' fizerão aguardando o soccorro do g.^o, o qual como não chegasse e hovesse já muita falta de roupa e mantimentos requererão os soldados que se retirassem ao Rio de Jagaribbe, donde por ser mais perto de povoado poderião hir pedir o soccorro, o q' por ventura fizerão para de lá lhe ficar mais perto e facil a fogida, q' fizerão, porq' logo Simão Nunes pediu licença ao capitão-mór pera passar da outra banda do rio com os soldados a comer fructa, e como lá se virão não se curarão de colher fructa senão de se acolherem, o q' visto pelo Cappitão, e q' lhe não ficavão mais q' dezoito soldados mancos, q' por isso não forão com os outros, dos Indios só hum chamado Gonçallo porq' tambem os mais fugirão, determinou tornarse para sua caza e com este e alguns soldados menos mancos ordenou hua jangada de raizes de Manges em q' poucos, e poucos passarão todos o rio, e como o tiverão passado, mandou marchar sinco filhos diante, dos quais o mais velho não passava de dezoito annos, logo os soldados, e detrás elle e sua molher todos a pé.

Logo nesta primeira jornada a sentir o trabalho, porq' tanto que a calma comessou a cahir não havia q.^m pudesse por o pé na area de quente, comessava o choro das crianças, os gemidos da molher, e lastima dos soldados, e o capitão fazendo seu officio, animando e dando corage a todos.

No segundo dia já o cappitão carregava dois filhos mais pequenos as costas por não poderem andar, e comessavão as queichas desde, que senão remediou senão ao tercciro dia por noyte em hua casimba ou posso de agoa doce juncto de outras duas salgadas, mas não havendo mais espasso de entre ellas q' de duas braças, ahy se detiverão dous dias, e enchen o Indio Gonçallo dous cabassos de agoa com q' se partirão e caminharão algum tempo com muito trabalho e risco de Tapuyas inimigos, q' por aly andão e lhes vião os fumos, mas o pior inimigo era a fome e sede com q' comessarão a morrer os soldados o primeiro foy hum carpintr.^o com o qual os q' já não podião andar disserão ao capp.^m que os deixasse ficar, q' com morrer acabarião seus trábálhos, como acabava aquelle, mas o capitão os animou, dizendo q' fossê por diante, q' Deos lhe daria forças p.^a chegarem aonde houvesse agoa e de comer, com isto se levantarão e caminharão athé morrer outro, aly se pós Donna Thomazia molher do cappitão a dizer tantas lastimas q' paresse se lhe desfazia o coração, vendo q' tinha todos seus filhos ao redor de sy, e pegando ella do menor athé o mayor dezião q' athé aly bastava caminhar, q' também querião morrer com aquelle homem porq' já não podião sofrer tanta sede, ella derramando de seus olhos dous rios de lagrimas, q' bem poderão matar-lhes a sede se não forão salgadas, disse ao marido fosse e salvasse a vida, porq' ella não queria já outra senão morrer em comp.^a de seus filhos, os soldados huns reventavão a chorar, outros a pedir-lhe q' quizesse caminhar, o capp.^m dissimulando a dor o mais q' pode disse q' daly a pouco espasso estava hua casimba de agoa, e com esta esperança tornarão a caminhar para a agoa amargoza, q' assim se chamava aquella casimba pello amargor da agoa, pello q' chegando a ella não houve quem a bebesse, e forão caminhando para outra, q' chamão a boa maré passando meya legoa de mangues com lodo, athé a cintura, onde acharão huns caranguejos chamados aratús, e como athé aly se não se sustentavão senão em raizes de arvores e ervas pegando dos caranguejos os comião crus com tanto gosto como se fora algum guizado muito sabonzo, e muito mais depois q' chegarão á cassimba de agoa,

onde descansaram alguns dias, dahy marcharão para as Salinas muitos dias, e estando nellas virão passar o barcho em que hião os Padres da Companhia, q' era o soccorro, q' o governador lhe mandava, mas não lhe poderão fallar, mas caminhando avante da salina, morreu o filho mais velho do capp.^m q' era o lume dos seus olhos e de sua May, o que ca la qual delles fez neste passo deicho a consideração dos q' lerem; aqui erão já os soldados do parecer das crianças, dizendo que athé aly bastava, e sem duvida o fizeram se a molher do capp.^m esforçandosse p.^a os animar lhe não pedira q' quizessem caminhar, pois tambem as crianças, o q' elles comessavão a fazer por seu rogo, mas estavam fracos q' o vento os derribava, e assim se hião deitando pellapray athé q' o capp.^m que se havia adiantado cinco ou seis legoas com dous soldados mais valentes a buscar agoa, tornou com dous cat.^{os} della, com que os refrigerou pera poderem andar mais hum pouco, donde virão pela praia vir huns vultos de pessoas e era o Padre Vigario do Rio Grande o qual pelo que lhe disserão os soldados fugidos os vinha esperar com muitos Indios e redes pera os levarem, muita agoa e mantimentos, e hum crucifixo em a mão, que em chegando deo a beijar ao capitão, e aos mais, o que fizeram com muita devoção e alegria, com muitas lagrimas, não derramando menos o Vigario, vendo aquelle espectaculo, que não parecião mais que caveiras sobre ossos, como se sóe pintar a morte, e com muita caridade os levou, e teve no Rio Grande athé que se forão pera Parahyba, donde Pero Coelho de Souza se foi ao Reyno requerer seus serviços, e depois de gastar na Côrte de Madrid alguns annos sem haver despacho, se veio viver a Lisboa, sem tornar mais á sua casa.

CAPITULO XXXIV

*Da Missão, e jornada, que por ordem do
Governador Diogo Botelho fizeram dous
Padres da Companhia á mesma serra de
Boapaba, e como deferia aos rogos
dos Religiosos*

Não só zelou o Governador a conversão dos Gentios, que

já estavam de paz na Parahyba, e pedião doutrina, como dissemos, mas também dos que ainda estavam na cegueira da sua infidelidade, e assim logo depois que veio para a Bahia pediu ao Padre Provincial da Companhia Fernão Cardim mandasse dous Padres a pregar-lhes á Serra da Boapaba, onde o Capitão Pero Coelho de Souza andava, porque com isso se escusarão as guerras, que lhes fazião, e o custo dellas, e se conseguiria o fim, que se pretendia, que era sua paz, e amizade, pera se poderem povoar as terras, o que o Provincial logo fez enviando os Padres Francisco Pinto, varão verdadeiramente religioso, e de muita oração, e trato familiar com Deus, entendendo em os costumes, e línguas do Brazil, e Luiz Figueira, adornado de letras, e de dons da natureza, e de graça.

Estes se partirão de Pernambuco o anno de mil seiscentos e sete, em o mez de Janeiro, com alguns Gentios das suas Doutrinas, ferramenta, e vestidos com que os ajudou o Governador pera darem aos barbaros. Começarão seu caminho por mar, e proseguirão ao longo da Costa cento e vinte legoas pera o Norte athe o rio de Iguaribba, onde desembarcarão: dahi caminharão por terra, e com muito trabalho outras tantas legoas, athe os montes de Ibiapána, que será outras tantas aquem do Maranhão, perto dos barbaros, que buscavão, mas acharão o passo impedido de outros mais barbaros e cruéis do Gentio Tapuia, aos quaes tentarão os Padres pelos Indios seus companheiros com dadivas pera que quizessem sua amizade, e os deixassem passar adiante, porém não quizerão, mas antes matarão os embaixadores, reservando somente hum moço de dezoito annos, que os guiasse aonde estavam os Padres, como o fez, e seguindo-os muito numero d'elles, sahindo o Padre Francisco Pinto da sua tenda, onde estava resando, a ver o que era, por mais que com palavras cheias de amor, e benevolencia os quiz quietar, e os seus poucos Indios com as frechas pretendião defendel-o, elles com a furia com que vinhão matarão o mais valente, com que os mais não puderão resistir-lhe, nem defender o Padre, que lhe não dessem com hum pau roliço taes e tantos golpes na cabeça, que lha quebraram, e o deixaram morto, o mesmo quizerão fazer ao Padre Luiz Fi-

gueira, que não estava longe do companheiro, mas hum moço da sua companhia sentindo o ruído dos barbaros o avisou, dizendo em lingua Portugueza: «Padre, Padre, guarda a vida,» e o Padre se metteo á pressa em os bosques, onde guardado da Divina Providencia o não puderão achar, por mais que o buscarão, e se forão contentes com os despojos, que acharão dos ornamentos, que os Padres levavão para dizer missa, e alguns outros vestidos, e ferramentas para darem, com o que teve lugar o Padre Luiz Figueira de recolher seus poucos companheiros, espalhados com medo da morte, e de chegar ao lugar daquelle ditoso sacrificio, onde acharão o corpo estendido, a cabeça quebrada, e desfigurado o rosto, cheio de sangue e lodo, limpando-o, e lavando-o, e composto o defuncto em huma rêde, em lugar de ataude, lhe derão sepultura ao pé de hum monte, que não permittia então outro apurato maior o aperto em que estavão: porem nem Deus permittio que estivesse assim muito tempo, antes me disse Martin Soares, que agora he Capitão daquelle districto, que o tinham já posto em huma igreja, onde não só dos Portuguezes, e Christãos, que ali morão, he venerado, mas ainda dos mesmos Gentios.

Livro quinto

CAPITULO I

*Da vinda do decimo Governador Gaspar de Souza,
e como veio por Pernambuco a dar ordem
a conquista do Maranhão*

Sabida por Sua Magestade a nova da morte de Dom Francisco de Souza, tornou a juntar o Governo do Brasil todo em hum, e o deo a Gaspar de Souza, e porque os Francezes em o anno de mil seiscentos e doze tinham (*sic*) a povoar o Maranhão, dizendo que não tinham os Reys de Portugal mais direito nelle que elles, pois Adão o não deixara em testamento mais a hums que a outros, com este

pretexto trouxeram doze Religiosos da nossa ordem Capuchinhos para converterem os Gentios, meio efficacissimo para com muita facilidade os pacificarem, e povoarem a terra; mandou Sua Magestade ao Governador que viesse por Pernambuco para dahi dar ordem a lançar os Francezes do Maranhão, e o povoar e fortificar, pois era da sua conquista pela Corôa de Portugal, e que Dom Diogo de Menezes, seu antecessor, se fosse para o Reyno, pois tinha acabado o seu triennio, e ficasse governando a Bahia enquanto elle a ella não vinha o Chanceller Ruy Mendes de Abreu, e o Provedor Mór da Fazenda Sebastião Borges, os quaes por serem ambos muito velhos e enfermos, ajuntou o Governador por sua Provisão Ba'thazar de Aragão, aqui morador, por Capitão Mór da Guerra por terra, por ter aviso que vinhão inimigos á terra, e em Pernambuco, para a do Maranhão a Hyeronimo de Albuquerque, que mandou com cem homens por mar em quatro barcos descobrir os portos, e o que nelles havia; o qual discorrendo a Costa avante do Uará foi athé o Buraco das Tartarugas, e ali fez uma cerca, e deixou um presidio, donde mandando o Capitão Martim Soares Moreno em hum barco a descobrir o Maranhão, se tornou a Pernambuco a dar conta ao Governador do que tinha feito, e pedir mais gente, e cabedal para a conquista, que o Governador dilatou athé a vinda de Martim Soares, e sua informação, occupando-se entretanto no governo politico, e administração da justiça, sem em esta fazer excepção de pessoa, pelo que era amado dos pequenos, e temido dos grandes; fez tambem fazer algumas obras importantes, como foi huma formosa casa para a alfandega sobre o varadouro, onde se desembarcáo as fazendas das barcas, e algumas calçadas nas ruas da Villa, e huma muí comprida no caminho de Jaboatão, onde com a muita lama atelavão os bois e carros, e não podião trazer as caixas de assucar dos engenhos.

Em este interim foi Martim Soares seguindo sua viagem, descobrindo e reconhecendo a bahia, rios e portos do Maranhão, e por via de Indias levou recado ao Reyno que estavam ali Francezes em commercio, com o qual aviso mandou Sua Magestade ordem ao Governador que tornasse a enviar a este descobrimento o dito Hyeronimo de Albuquerque.

Livro Sexto**CAPITULO II***De como mandou o Governador a Hyeronimo de Albuquerque a conquistar o Maranhão*

Eleito Hyeronimo de Albuquerque por Capitão Mór da conquista do Maranhão, como temos dito, se foi logo ás aldêas do nosso Gentio pacífico, e por lhes saber fallar bem a lingua, e o modo com que se levão, ajuntou quantos quíz: hum contarei só do que houve em huma aldêa, pera que se veja a facilidade com que se leva este Gentio de quem os entende e conhece, e foi que poz a huma parte hum feixe de arcos, e frechas, a outra outro de rocas, e fusos, e mostrando-lhos lhes disse: «Sobrinhos, eu vou á guerra, essas são as armas dos homens esforçados e valentes, que me hão de seguir: estas das molheres fracas, e que hão de ficar em casa fiando; agora quero ouvir quem he homem, ou molher». As palavras não erão ditas, quando se começaram todos a desempulhar, e pegar dos arcos, e frechas, dizendo que erão homens, e que partissem logo pera a guerra: elle os quietou, escolhendo os que havia de levar, e que fizessem mais frechas, e fossem esperar a armada ao Rio Grande, onde de passagem os iria tomar.

Não ajuntou com tanta facilidade o Governador os soldados brancos que queria mandar, porque excepto alguns, que por sua vontade se offerecerão a ir, os mais nem com prisões podião ser trazidos, porque como os trazião de longe, e por mattos dos engenhos e fazendas de noite, fugião, e de dez não chegavão quatro; porém cahio em huma traça mui boa, que foi obrigar aos homens ricos, e afazendados, que tinhão mais de hum filho, que dessem outro, com o que lhe sobejou gente; porque nenhum homem destes mandou seu filho, sem ao menos mandar com elles hum criado branco, e dous negros.

Tambem pediu dous Religiosos da nossa Ordem, e o Prelado lhe deo o Irmão Frey Cosme de S. Damião, varão prudente, e observantissimo da sua regra, e Frey Manoel d

Piedade, mui perito na lingua do Brasil, e respeitado dos Indios Potiguares, e Tobajares, assim por seu pae João Tavares, como por seu irmão Frey Bernardino das Neves, dos quaes temos tratado no Livro precedente: e porque a guerra não havia de ser só contra os Indios, senão também contra Francezes, que estavam com a fortaleza feita, e já prevenidos, deu o Governador a Hyeronimo de Albuquerque por companheiro o Sargento Mór do Estado Diogo de Campos Moreno, soldado experimentado nas guerras de França, e Flandres, e que sabia bem formar hum Campo, e os ardis e tretas da peleja.

Feito isto se embarcarão todos dia de S. Bartholomeu, vinte e quatro de Agosto da éra de mil seiscentos e quatorze annos, em huma caravella, dous patachos e cinco caravellões: na caravella ia o Capitão Mór e seu filho Antonio de Albuquerque por Capitão de huma companhia de cincoenta arcabuzeiros, de que era Alferes Christovão Vaz Moniz, e Sargento João Gonçalves Baracho; em hum dos patachos ia o Sargento Mór do Estado Diogo de Campos Moreno com quarenta homens, no outro o Capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, que ia por Almirante, com cincoenta soldados também arcabuzeiros, e seu Alferes Conrado Lino, e Sargento Francisco de Navaes.

Dos caravellões crão Capitães Martin Callado com vinte e cinco homens, o Sargento de Antonio de Albuquerque com doze, Luiz Machado com quinze, Luiz de Andrade com doze, e Mancel Vaz de Oliveira com outros doze, e além desta gente branca, ião mais duzentos Indios de peleja, que Hyeronimo de Albuquerque tinha escolhido nas aldeas da Parahyba, e o estavam esperando no Rio Grande os mais delles com suas mulheres e familias, onde os foi tomar, e os repartio pelas embarcações, lhe requererão os Religiosos mandasse ficar as Indias, que ião sem maridos, e algumas outras, que já de Pernambuco ião amancebadas, e assim se fez.

Dali forão ao Buraco das Tartarugas, onde havia deixado o presidio, no qual se havia já provado a mão com os Francezes, que ali forão aportar em a náu Regente, e desembarcarão duzentos com o seu Capitão ás duas horas da tarde, onde lhes sahirão o Capitão Manoel de Souza e Sá com de

zoito arcabuzeiros, e matando-lhes alguns os fez embarcar, ficando também dos nossos hum morto, e seis feridos, e deu por causa o Monsiur a quem lhe perguntou porque se retirava, que virão muita gente na trincheira d'onde os nossos sahirão, e temera que vindo de soccorro lhes não poderiam escapar, não tendo por possivel que tam poucos homens houvessem commettido a tantos, senão com as costas quentes (como dizião), e confiados nos muitos que trás elles sahirão, e os muitos erão vinte soldados, que havião ficado por não terem polvora, e munição, e se assumavão por cima da trincheira a ver de palanque a briga, que na praia se fazia, mas melhor causa dera se dissera que o quiz assim Deus; e foi esta victoria como hum presagio da que havia de conseguir no Maranhão, para onde se embarcou também Manoel de Souza com os seus soldados, e Hyeronimo de Albuquerque o fez Capitão da vanguarda de todo o exercito.

Livro Setimo

CAPITULO XXXVII

*Dos Hollandezes, que andavão por esta costa
da Bahia até á Parahyba em o anno
de mil seiscentos e vinte e seis, e da ida do
Governador Francisco Coelho
de Garvalho para o Maranhão*

Em dezanove de Abril desta era de mil seiscentos e vinte e seis apparecerão na bocca desta barra da Bahia, junto ao morro, tres náus Hollandezas de força, huma das quaes trazia trinta peças de artilharia grossa e cento e quatro homens de guerra: metteo no fundo huma caravella, que vinha de Angola, de que era mestre Antonio Farinha, visinho de Sezimbora, por não querer amainar, mas salvarão-lhe toda a gente branca, e alguns negros, de cento e setenta que trazia, e os trouxerão onze dias comsigo, fazendo-lhes boa companhia, por o trazerem /segundo ao depois disserão / assim por ordem do seu Principe de Orange, em respeito do

bom tratamento que o General Dom Fadrique de Toledo deo aos Hollandezes na recuperação desta Cidade, e depois os farão lançar todos no Rio das Contas, donde feita uma aguada, se forão ajuntar com outra esquadra de quatro náus, e hum patacho, que vinha pera Pernambuco, e ahi ancorarão todas juntas defronte da barra aos vinte de Maio, excepto o patacho, o qual por ser mui ligeiro andava com dez peças de artilheria, discorrendo sempre pela Costa de huma parte pera outra, e este fez encalhar na Poripuera, trinta legoas de Pernambuco pera a Bahia, huma lancha, que o Governador mandava de aviso, e tomou hum navio de Vianna, que havia sahido do Recife com seiscentas caixas de assucar, e assim por ir tam carregado, e com caixas por entre as peças de artilheria, não pôde jogar dellas, e se deixou tomar de hum patacho, cousa em que os Alinistros de Sua Magestade devião vigiar muito nestas partes, porque não foi este o primeiro que se perdeu por esta causa, nem será o derradeiro, senão se fizer muita vigia pera que não vão sobrecarregados.

Tomou tambem outro, que ia pera Angola, e huma caravella, que vinha da Ilha da Madeira, carregada de vinhos, lançando a gente de todos em a Ilha de Santo Aleixo.

Deo caça a huma caravella que vinha dos rios de Congo, a qual se lhe acolheu ao porto do Páu Amarello, e a outra de Sezimbra, que se metteo em a enseada do Cabo de Santo Agostinho, donde depois ao longo do Recife forão metter no porto, como tambem fizerão tres navios de Lisboa, e dous das Canarias, por aviso que lhes derão de hum barco que o Governador mandou pera este effeito da banda do Cabo, que he a paragem por onde no mez de Maio, e nos mais de inverno, navegação pera Pernambuco.

Tambem mandou o mesmo Governador Geral Mathias de Albuquerque dous Indios da terra, e hum mulato, cada hum em sua jangada com artificio de fogo pera e pôrem ás náus dos Hollandezes, que estavam mais de quatro legoas da barra ao mar, dos quaes chegou hum chamado Salvador, e o pegou á pôpa da Capitanea, mas foi sentido de hum cachorro da náu, que despertou a gente, e o apagarão, tirando logo ás mais hum tiro de rebatê, com a qual raiva queimarão o dia seguinte a caravella, que haviam tomado, e tam-

bem porque o mestre lhes não havia querido dar por ella cincoenta cruzados, que lhe pedirão, e feito isto lavantarão ferro, e se forão.

Tambem se foi Francisco Coelho de Carvalho, Governador do Maranhão, o qual passava já de dous annos que estava em Pernambuco sem poder partir-se, assim pela cobrança de vinte mil cruzados, que El Rey ali lhe mandou dar, como por causa dos Hollandezes da Bahia, e destoutros, e por isto tanto que os vio idos, e desimpedido o passo, se partio em treze de Julho da dita era de mil seiscentos e vinte e seis, com cinco barcos, que lhe deo o Governador Mathias de Albuquerque, o qual o veio despedir ao Recife, e lhe mandou fazer salvas das fortalezas.

Elle ia em hum dos barcos com seu filho Feliciano Coelho de Carvalho, e o Sargento Mór Manoel Soares de Almeida. Dos outros erão Capitães Manoel de Souza Deça, Capitão Mór do Pará, Jacome de Reymonde, Provedor Mór da Fazenda, e João Maciel.

Gastarão na viagem quinze dias athé o Ceará, porque não navegavão de noite; alli se detiverão outros quinze dias, nos quaes proveo o Governador o forte de pólvora, e de mais artilharia, e fez paga aos soldados, e ao Capitão Martin Soares Moreno lançou o habito de Santo Iago, de que El Rey lhe fez mercê por seus serviços, que não forão poucos os que lhe fez, não só no descobrimento do Maranhão, como fica dito em o primeiro Capitulo deste Livro, mas depois de estar por Capitão do Ceará, onde os corsarios o temem tanto, que havendo alli aportado algumas vezes, nenhuma se atreverão a desembarcar, desejando-o elle tanto, que chegou a metter-se entre os Indios nús, nú e tinto da sua côr, parecendo-lhe que como estes forão seus compadres, e amigos, não se temendo delles, desembarcarião, e assim os colheria, e nem isto bastou. Feito foi este de subrogação, pois parece não obrigar seu officio a tanto, e assim foi bem empregada a mercê, que Sua Magestade lhe fez do habito, e se lhe deo com elle pouca tença, por isso lhe dá Deus muito ambar por aquella praia, com que pode muito bem matar la hambre.

Estava em Ceará a esta sazão o Padre Frey Christovão Severim, Custodio do Maranhão, chegado de poucos dias depois de haver passados muitos no caminho, porque veio por terra, padecendo grandes fomes, e sedes, e guerras dos Gentios Tapuyas, Arochis, e Uruatins, que duas vezes o saltarão, e lhe matarão hum Indio dos que trazia em sua companhia, e lhe ferirão treze, com mais tres brancos Portuguezes; mas com serem os inimigos em numero muitos mais, sem comparação, os poucos nossos, e seis brancos arcabuzeiros, ajudados e animados pelo Padre Custodio, lhes tiverão os encontros tam valorosamente, que enfim se livrarão delles, deixando-lhe tambem alguns dos seus mortos, e feridos, e chegarão ao Ceará, onde o Custodio e seu companheiro agasalharão com muito respeito e caridade a dous Padres da Companhia de Jesus, que ião com o Governador Francisco Coelho de Carvalho, e dalli se embarcarão, e partirão todos pera o Maranhão, na qual viagem, depois de haverem passado o Buraco das Tartarugas, por não levarem pilotos praticos na Costa, forão dar em luns baixos com hum grande tormenta em que se virão perdidos, mas quiz Nosso Senhor que ião as agoas de lançamento, com o que, e com alijarem alguma carga dos barcos, puderão nadar, e seguir sua viagem athó o Maranhão, onde o Governador, e os que com elle ião, forão bem recolhidos, e onde os deixaremos a outros Historiadores, que escrevão suas obras. Assim porque Sua Magestade tem já apartado aquelle Governo deste do Brazil, de que escrevo, como porque eu tambem vou dando fim a esta Historia.